



**“Não te deixes dominar pelo coração”:
formas de subjetivação nas canções de Dona Ivone Lara
sobre o amor e as relações afetivo-sexuais¹**

Lucianna Furtado²

RESUMO: Este trabalho discute uma seleção de canções de Dona Ivone Lara, com o objetivo de compreender suas elaborações sobre o amor e as relações afetivo-sexuais. Tomamos a obra musical como produção intelectual, abordando o conhecimento sobre as práticas sociais e a sociedade a partir de perspectivas populares negras. Parte de uma pesquisa mais ampla sobre relações afetivo-sexuais em sambas de cantoras-compositoras negras, este trabalho foca nas formas de subjetivação construídas nas letras das canções.

INTRODUÇÃO

Este trabalho parte da importância de discutir a política do amor e das relações afetivo-sexuais a partir das perspectivas de mulheres negras, valorizando sua experiência e conhecimento nesse campo da vida social. Tomando a obra musical de cantoras-compositoras negras como produção intelectual, entendemos que o conhecimento produzido nesse contexto oferece contrapontos aos modos de representação racistas e sexistas produzidos pela mídia tradicional e por sujeitos privilegiados pelas categorias de raça e gênero. Neste trabalho, abordamos as canções compostas e gravadas por Dona Ivone Lara sobre o amor e os relacionamentos, com foco nas formas de subjetivação construídas nas letras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho faz parte da minha pesquisa de Doutorado em andamento, na qual investigo os sambas de mulheres negras sobre o amor e as relações afetivo-sexuais, buscando compreender como elas constroem suas subjetividades e formas de sociabilidade nesse contexto. A partir de uma perspectiva interseccional e centrada na autodefinição negra, combinada ao modelo

¹ Trabalho apresentado no GT4 - Mídia, Representação e Discursos Narrativos, no VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Cotidiano.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG) e integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero (Coragem). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: lucianna.furtado@gmail.com





relacional da Comunicação (FRANÇA, 2018), abordo as canções como obras da intelectualidade negra, buscando identificar como as autoras se constroem como sujeitas, as configurações de suas práticas sociais afetivas e suas visões de mundo.

Para Vera França (2018), os estudos da Comunicação, mesmo quando se debruçam sobre fenômenos microssituados ou relações interpessoais, não devem prescindir de tratar de sua inserção social. Segundo a autora, o modelo relacional da Comunicação, de base pragmatista, aborda as interações de maneira vinculada a seu contexto, evidenciando as relações entre as práticas e produtos comunicacionais e as esferas mais amplas com que dialogam. Sob essa ótica, analisar as interações e fenômenos comunicacionais permite revelar as imbricações culturais e políticas que permeiam a vida social, elucidando sua inscrição contextual nas normas, valores e relações de poder na sociedade.

Desse modo, é importante considerar os modos como as estruturas configuram as relações sociais de maneira ligada aos agenciamentos, rupturas e transformações realizados pelos sujeitos em suas interações. Em nossa visão, isto diz respeito não apenas às práticas comunicativas sob análise, mas também às escolhas teórico-metodológicas e empíricas dos sujeitos pesquisadores: como afirma Patricia Hill Collins (2016), diante da objetificação e silenciamento operados pelas estruturas de gênero e raça contra mulheres negras, a resposta de pesquisadoras feministas negras tem sido centralizar essas vozes em suas análises, reafirmando a subjetividade e intencionalidade dessas sujeitas. Assim, partimos das dinâmicas de (in)visibilidade que permeiam a história do samba – apagando as pessoas negras e, particularmente, as mulheres negras – como princípio para centralizar as composições dessas autoras sobre o tema escolhido.

Como apontado por bell hooks (2019), os valores tradicionais sexistas negam às mulheres a agência sexual saudável, um aspecto em transformação graças ao pensamento e ação feministas. A autora defende o feminismo como caminho para discutir a política do amor, da conjugalidade e do prazer sexual de maneira centrada em um *ethos* de afirmação da vida, bem como no respeito e cuidado mútuos.

Contestando a construção fantasiosa sobre relacionamentos fáceis, que não demandam esforço, hooks (2001) reitera a importância de pensar no amor como forma de exercer agência, como um ato de intencionalidade. A autora destaca que abordar o amor romântico a partir dos fundamentos do cuidado, conhecimento e respeito amplia sua potência. Nesse





contexto, hooks enfatiza que a escolha consciente pelo amor com um(a) parceiro(a) envolve a própria construção de si, o autoconhecimento em relação aos próprios desejos, anseios, aspirações e à própria capacidade de dar e receber amor. As canções sobre o amor e as relações afetivo-sexuais são um espaço rico para ouvir essas questões e evidenciar como as ações nesse campo revelam formas de subjetivação e compreensão de si.

CORPUS E METODOLOGIA DA PESQUISA

Selecionamos as canções autorais gravadas por Dona Ivone Lara e as filtramos segundo o critério de abordarem o amor e as relações afetivo-sexuais, resultando em 43 canções³. Interrogamos as letras desse conjunto em uma visão panorâmica, focando não em análises aprofundadas das canções de forma individual, mas nos entrelugares, diálogos e relações entre estas. Tomamos como inspiração os procedimentos realizados por Laura Guimarães Corrêa (2011), fazendo adaptações de acordo com as particularidades do material. Montamos *playlists* e fizemos murais físicos e digitais com as letras das canções, entrevistas e informações biográficas da cantora.

Neste trabalho, apresentamos os resultados preliminares de um dos nossos eixos de análise, a subjetivação. Focado na sujeita eu-lírico, este eixo se detém sobre os modos como a cantora-compositora narra, define, descreve e caracteriza a si mesma na canção, como se transforma e se deixa transformar diante do amor, desejo ou relacionamento. Essas questões foram respondidas a partir dos versos das canções: a partir das recorrências e padrões, reagrupamos os versos, aproximando os elementos para identificar diálogos e contrapontos.

RESULTADOS

Foram identificadas quatro formas centrais de subjetivação que atravessam diversas canções, nomeadas a partir de versos de cada grupo: “*No meu céu a estrela-guia se perdeu*”, que expressa o estado de sentir-se perdida, insuficiente, impotente, sem rumo; “*Existe uma lesão que vive em mim*”, que aborda as marcas do sofrimento de amor na transformação de si; “*Nasci pra sonhar e cantar*”, que trata da subjetivação como cantora e compositora; e “*Eu*

³ As informações sobre o registro de composição das canções foram coletadas no site do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB), uma organização sem fins lucrativos dedicada à pesquisa, preservação e promoção da Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://immub.org/>. Acesso em: 16 set. 2020.





não nasci pra sofrer”, em que emerge a autovalorização e afirmação como sujeita digna de amor.

1 “No meu céu a estrela-guia se perdeu”

“Me perdi, eu vaguei a errar / Só sei que vivi / Mas vivi a morrer (...) Querendo esquecer / Me perdi a lembrar / Se amei não sabia / Do amor a beleza emoção (...) Meu rio seguia / Sem jamais encontrar o seu mar / A certeza até me fugia”;

“Estou me acabando / Qual o fim de um dia / Que se entrega a noite de toda agonia (...) Destruíu enfim minha ilusão / Eu que cantava amor / Em seus braços sentia alegria e prazer / Hoje só aprendi a sofrer”;

“Foi tanta ingratidão / Que esta chaga em meu peito / Quase me tira a razão”;

“No meu céu a estrela-guia se perdeu / A madrugada fria só me traz melancolia / Sonho meu”;

“Errei / Ignorando a verdade / Impulsos de crueldade / Levaram-me à prática de uma traição (...) Leigos como eu têm que aprender / Que neste mundo de ilusão / Eu vou ter de sofrer”;

“Senhor, por favor, me ajude / Me sinto sozinha, posso fracassar / Ponha no meu caminho / Um amor de verdade / A quem eu possa amar”;

“Me dá teus braços / Pra meu passo incerto / Não me derrubar / Dá-me a luz dos teus olhos / Paz / Um mais lindo clarão / Me guiar (...) Tanto, tanto me perdi / Cansei de me enganar”;

“Se eu lhe dei a mão foi por me enganar / Foi sem entender / Que amor não pode haver / Sem compreensão”;

“Não te deixes dominar pelo coração / Num mundo de fantasia / Tudo é ilusão”;

“Sinto que eu estou me atormentando / E aos poucos me acabando por te amar em vão (...) Agora já desisti de lutar porque tu não sabes amar (...) Sofri muito por querer ser feliz com teu amor / E alimentei uma ilusão”;

“Agora sei / Desfilei sob aplausos da ilusão”;

“Sei que a minha mente está cansada / Foram tantas madrugadas / Quantas ilusões perdidas”;

“Eu errei fui o culpado / Nosso amor era verdade / E eu não soube dar o valor”;

“Eu me perdi no canto do meu viver / Sem saber a razão de tanto sofrer (...) Hoje falando a sós com meu coração / Sinto que até cheguei perto da razão”;

“A decepção que me libertou / Da triste ilusão, do falso amor”.

Nesses versos, fica evidente o sentimento de desorientação, o ato de sentir-se perdida, insuficiente, impotente – quis viver e morreu, quis esquecer e lembrou, desistiu de lutar, foi





um rio que seguia e jamais chegava ao mar. Os versos expressam a dúvida, a necessidade de apoio, a saudade, a ausência da pessoa amada que a deixa perdida e sem rumo. Outro aspecto que se destaca é a ideia de um desconhecimento da vida do amor e do relacionamento, que leva aos erros e decisões equivocadas no relacionamento, bem como ao engano, decepção, ilusão, isto é, à construção errônea sobre a pessoa amada.

2 “*Existe uma lesão que vive em mim*”

“Eu fiquei tão só / Fiquei amargurado, curtindo a minha dor (...) Ah meu Deus que triste sina eu ter gostado de você (...) Eu calo e espero, pois o seu dia vai chegar / O meu amor tem preço, vou cobrar”;

“E agora esta desilusão / Existe uma lesão que vive em mim / Tudo que é feliz não tem direito à eternidade”;

“Tenham de mim compaixão / Meu coração magoado / Só sabe pedir perdão / Errei / Ignorando a verdade / Impulsos de crueldade / Levaram-me à prática de uma traição / Choro / Choro de arrependimento / Sofro / Peço a todo momento/ Perdão (...) Leigos como eu têm que aprender / Que neste mundo de ilusão / Eu vou ter de sofrer”;

“Para findar a desventura / Só desejo teu perdão / Me deixa ficar”;

“Pela segunda vez cometeste este erro (...) Nunca mais, nunca mais / Nunca mais o carinho meu terás / Não adianta lamentares / Não me convences, para mim não serves mais”;

“A própria dor há de valer / O mundo é bom professor / Pra te ensinar que o remorso é qual espinho / Que vai ferindo nas dosagens de carinho”;

“E nem que venhas chorando / Tu não terás mais o meu perdão (...) Sofri muito por querer ser feliz com teu amor / E alimentei uma ilusão / Dentro do meu coração e hoje vivo tristonho com resignação”;

“Gastei a subvenção / Do amor que você me entregou / Passei pro segundo grupo e com razão”;

“Doeu demais aquele amor / Eu errei fui o culpado / Nosso amor era verdade / E eu não soube dar o valor”;

“Eu me perdi no canto do meu viver / Sem saber a razão de tanto sofrer (...) Hoje falando a sós com meu coração / Sinto que até cheguei perto da razão / É o amor, a pedra mais valiosa / Que pra se lapidar / Necessita carinho / Constante pra ela brilhar”;

“Não vou me exceder e não vou debater / Só preciso dizer a você / Nas escritas da vida / Eu não nasci pra sofrer (...) Se a paixão acabou / É melhor terminar”;

“Tristeza pra mim, nunca mais / Ficaram todas no caminho / Refiz amizade com a paz / Mudei da água pro vinho (...) Toda mágoa desfaz-se em meu Pinho / Me transporta à canção, meu prazer é cantar (...) E na avenida eu vou passar cantando / E desse amor eu vou me embriagar”.





Nesse grupo, ouvimos emergir a dor, o sofrimento e os erros no amor como questões que deixam marcas profundas e operam transformações na construção de si. Todo esse penar é tomado como catalisador para a mudança, como ponto de partida para a reflexão e autoaprimoramento. Este aprendizado pode se manifestar na resignação com o término e superação de um relacionamento infeliz (na consciência de que aquele amor, assim como os demais, não tem direito à eternidade); ou na mudança do próprio comportamento em relação ao(à) parceiro(a) atual ou a parceiros(as) futuros(as). Neste último caso, a trajetória passa pela compreensão de si como uma pessoa falha, pelo reconhecimento dos próprios erros, pelo processo de arrependimento, confissão e pedido de perdão. A admissão de culpa dispara gestos de reflexão e transformação de si e dos modos de se relacionar, comprometendo-se a mudar junto ao(à) parceiro(a) e se tornarem melhores um para o outro.

3 “Nasci pra sonhar e cantar”

“Vai, vai meu samba triste / Vai mostrar que ainda existe / O poder do amor (...) O meu samba principia / Quando amo de verdade”;

“E é minha vez de poder cantar / E desabafar, tudo que senti”;

“Eu que cantava amor / Em seus braços sentia alegria e prazer (...) Só tenho agora meu samba / Que é livre e me cobre de tranquilidade / Me diz que o mundo dá volta / E que o meu padecer há de se acabar”;

“Pra cicatrizar / O remédio é cantar / Benditos sons que não deixam / Que as mágoas e queixas / Me venham matar”;

“Traz a pureza de um samba / Sentido, marcado de mágoas de amor / Um samba que mexe o corpo da gente”;

“E eu cantava, sentia tudo que sonhei”;

“O que trago dentro de mim preciso revelar / Eu solto um mundo de tristeza que a vida me dá / Me exponho a tanta emoção / Nasci pra sonhar e cantar / Na busca incessante do amor, que desejo encontrar”;

“Em troca ouvirás / Uns versos de paixões / Vindo de um coração / Que apenas quis te amar”;

“O samba pra mim me caiu do céu / A ele jurei sempre ser fiel / E tudo que aprendi o samba me ensinou”;

“Quero reunir / As mais lindas notas musicais / Pra fazer feliz meu coração / Que já sofreu demais (...) Quero versos com muito lirismo / Para tirar do abismo, teu pobre coração / Lindas melodias,





emoldurando as fantasias / Da minha imaginação”;

“Vou lhe ter só na lembrança / Este samba é um triste canto / De um poeta sonhador (...) Com meu canto de poeta / Pretendo encontrar / Outro amor tão verdadeiro / E a felicidade reconquistar”;

“Só quis cantar o amor / Viver o amor que ataza minha alma”;

“Não, é ruim pra quem não vê / Que cantando se desperta novo amanhecer (...) Despetalando uma flor, comecei logo a compor / Como musa inspiradora, essência de um grande amor”;

“Não acreditavas em mim, tenho convicção / Nem na palavra inspirada do meu coração (...) Do desamor nasceu canção / Que, hoje, embala o pranto / De quem clama o meu perdão”;

“Fiz do Samba meu lar, meu destino / Um caminho que eu vivo a trilhar / Toda mágoa desfaz-se em meu Pinho / Me transporta à canção, meu prazer é cantar”;

“Não existe mais a alegria / De fazer poesia / De cantar por aí”.

Os versos reunidos neste tópico abordam a subjetivação como cantora e compositora, trazendo as ações de criação, canto e escuta do samba como meios de expressão do próprio amor, do que sente, pensa e deseja. Mais ainda, são gestos de compreender, refletir, se posicionar como cognoscente, dar sentido à realidade vivida, em um processo de apropriação das experiências de sofrimento no amor como caminhos para a reflexão e construção de conhecimento sobre o que constitui um bom amor. Este é um conhecimento do cuidado de si, mas também do autocuidado coletivo, compartilhado em comunidade para levar acalanto e ensinamentos a outras pessoas. Esse tópico dialoga, assim, com a potência da escuta em conhecer questões sobre as relações afetivas por meio das narrativas populares do samba, ouvir seus conselhos e sua sabedoria para refletir sobre suas próprias interações no campo afetivo.

4 “*Eu não nasci pra sofrer*”

“Só tenho agora meu samba / Que é livre e me cobre de tranquilidade / Me diz que o mundo dá volta / E que o meu padecer há de se acabar / Hei de lhe ver implorando / Aquilo que um dia eu quis lhe ofertar”;

“Encontrei quem me quis / E se fez merecer / Ah, esse bem que me guia / Nesse mundo desigual / Vou me dar com euforia / Pra ser feliz, afinal”;

“Ah meu Deus que triste sina eu ter gostado de você / Porque me esnobou, zombando até de mim / Dizendo pra todos, que eu era peça ruim (...) Eu calo e espero, pois o seu dia vai chegar / O meu amor





tem preço, vou cobrar / Mais tarde ou mais cedo você vai pagar”;

“É um direito que me assiste / Vou recorrer à justiça divina / Pra aliviar meu sofrer / Tenham de mim
compaixão / Meu coração magoado / Só sabe pedir perdão”;

“Senhor, tem dó / Que eu já não aguento viver só / Desistir da vida é covardia / Mas viver nesta agonia
/ É muito pior (...) Ponha no meu caminho / Um amor de verdade / A quem eu possa amar”;

“Não adianta lamentares / Não me convences, para mim não serves mais (...) É tarde demais para
querer voltar / Me enganaste, não adianta chorar / Pela segunda vez cometeste este erro / És um
fracasso quanto à traição”;

“Agora já desisti de lutar porque tu não sabes amar / Pois não tens coração / E nem que venhas
chorando / Tu não terás mais o meu perdão”;

“Quero solução sim, pois quero cantar / Desfrutar dessa alegria / Que só me faz despertar do meu
penar”;

“O teu arrependimento / Não interessa saber / Usaste de falsidade / Mesmo sem eu merecer”;

“Um dia minha dor vai passar / Não terei mais tristeza / A alegria vai voltar / Com meu canto de poeta
/ Pretendo encontrar / Outro amor tão verdadeiro / E a felicidade reconquistar”;

“Só preciso dizer a você / Nas escritas da vida / Eu não nasci pra sofrer (...) Eu juro, não me acostumei
/ A tanta covardia no amor / É justo conjugar / E a primeira pessoa amar”.

Neste tópico, são recorrentes os lamentos e protestos contra o desrespeito, desvalorização e maus tratos nas relações afetivo-sexuais. Por meio da indignação diante do tratamento inadequado do(a) parceiro(a), a reafirma seu direito de amar e ser amada, operando a construção de si como sujeita digna de amor, felicidade, alegria, prazer, companheirismo, e também de compreensão e perdão quando comete erros. A autoestima e o amor próprio atuam, assim, para se construir como sujeita digna e merecedora não simplesmente de qualquer amor, mas de um amor que seja bom e lhe faça bem, afirmando o direito ao respeito e valorização nos relacionamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas de subjetivação identificadas nas canções de Dona Ivone Lara apontam para um processo de autoconhecimento, em que a eu-lírico se engaja na reflexão sobre si mesma e sobre os relacionamentos para transformar essas dimensões em busca da autorrealização e da felicidade a dois. Segundo Collins (2000), a autodefinição e autoavaliação de mulheres negras





se inserem nas dinâmicas de poder de raça e gênero como formas de resistência, destacando a recorrência dos temas da autoestima, amor-próprio e respeito nas produções intelectuais de mulheres negras. Ao protestar contra o desrespeito e desvalorização nos relacionamentos, a obra de Dona Ivone Lara dialoga com as discutidas por Collins (2000) no blues e na literatura feminina negra estadunidense, reiterando as conexões do pensamento de mulheres negras em pontos distintos da diáspora na restituição da humanidade negra.

BIBLIOGRAFIA

COLLINS, Patricia H. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

COLLINS, Patricia H. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. New York, London: Routledge, 2000.

CORRÊA, Laura G. Mães cuidam, pais brincam: Normas, valores e papéis na publicidade de homenagem. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FRANÇA, Vera. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. In: FRANÇA, V.; SIMÕES, P. (Org.). O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 89-117.

HOOKS, bell. All about love: new visions. New York: Harper Perennial, 2001.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

